



Arquitó

Após a pacificação, os índios parakanan contraíram doenças e ficaram reduzidos a um grupo de 80 pessoas

Acuado pela colonização, grupo arara vive em fuga

LÚCIO FLÁVIO PINTO
Enviado especial

Em 1970 os arara possuíam uma grande aldeia no rio Jaraucú, com roças de batatas, banana, mandioca, milho, algodão. Nesse ano as frentes de construção da Transamazônica iriam passar em cima da aldeia e os arara, atemorizados com o barulho e a movimentação das pesadas máquinas que vinham de Altamira em direção a Itaituba, no Pará, fugiram. Os funcionários da Funai enviados para o contato mal tiveram tempo de ver os índios desaparecerem mato adentro, deixando na aldeia abandonada sacos de farinha, frutos e legumes que haviam tentado recolher para levar antes que as árvores fossem derrubadas para a estrada passar.

Hoje os 200 índios arara vivem acuados, sem aldeia, sem roças, fugindo dos sertanistas que a Funai enviou para contactá-los. Eles perambulam por uma área de 160 mil hectares entre a Transamazônica e o rio Iriri, já muito ocupada e onde a Cotrijui (Cooperativa Tritícola de Ijuí) pretende assentar duas mil famílias de colonos. Desde o último incidente, quando atacaram a frente da Funai e feriram um de seus funcionários, os arara evitam dormir em acampamentos para não serem surpreendidos. Agora andam a noite inteira.

O drama vivido pelos arara é apenas um entre os muitos problemas que vários grupos indígenas estão enfrentando na região da Transamazônica. Com a abertura da estrada, o Incra assentou, apenas no projeto Altamira, quatro mil famílias de colonos (cerca de 20 mil pessoas), porém, muitos mais ocuparam terras ao longo da rodovia, criando intensa movimentação numa área, até então quase deserta. Como a Transamazônica foi construída quase sem planejamento, a Funai também não teve tempo para fazer um levantamento das tribos indígenas existente. Os sertanistas apenas acompanhavam — e as vezes na retaguarda — a turma de topografia das construtoras.

Assim, só quando os topógrafos começaram a encontrar sinais da presença de índios é que os sertanistas descobriram que a estrada passaria em cima da aldeia dos arara, um grupo aguerrido e razoavelmente nu-

meroso. A pressa na conclusão da Transamazônica impediu qualquer tentativa de entendimento com os índios, que abandonaram a aldeia e fugiram.

A partir daí, no entanto, os Arara seriam permanentemente incomodados: aos caçadores, "gateiros", e garimpeiros juntaram-se os colonos, que ocupavam progressivamente as terras indígenas, matavam sua caça, destruíam suas roças e os atacavam. Cada vez mais irritados, eles acabaram reagindo: ao perceberem que uma "picada" que estava sendo aberta, em 1976, pela CPRM (Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais), passaria novamente em cima do acampamento onde estavam instalados, atacaram e mataram três funcionários. Antes, haviam deixado advertências (pimenta espalhada pela chão, pedaços de flechas ou tacapes), mas os técnicos não entenderam ou não deram importância e prosseguiram.

A desatenção, no entanto, não-exclusiva dos funcionários da CPRM, mas também do próprio órgão encarregado dos problemas indígenas. De 1972 a 1974, a FUNAI praticamente desativou todas as suas frentes de contato na Transamazônica, talvez na suposição de que colonos e índios chegariam a uma acomodação natural sobre uma

terra que pertencia exclusivamente aos índios. Alguns deles imediatamente reagiram, mas a maioria foi recuando até que não havia mais para onde ir, como no caso dos Arara, que de um lado tem a Transamazônica e de outro o rio Iriri.

A rigor, a Funai só interveio quando os índios serviam de entrave à expansão da frente econômica ou quando algum atrito mais sério ocorria. Mas nem sempre a solução encontrada beneficiou os índios. Os Parakanan, contactados no rio Lontra, entre 1970 e 1971, foram "pacificados" porque estavam atacando brancos nas proximidades da Transamazônica. Na época, os índios eram 110 ou 115. Hoje, embora aldeados, foram reduzidos a 80 ou 82, principalmente por causa das doenças que contraíram.

Mesmo com a penetração de colonos e de toda a infraestrutura criada pela estrada, os índios ainda mantêm alguns de seus hábitos tradicionais — e um deles é a guerra contra outros índios. Só na semana passada ficou sendo conhecido o maior desses conflitos, que envolveu os parakanan e xikrin, mas outros também ocorreram nessa área sem chegar ao conhecimento da imprensa. Alguns sertanistas acham que as possibilidades desses choques au-

mentam na medida em que grupos nômades são obrigados a deslocarem-se muito mais do que o normal para fugirem dos "civilizados".

Foi o que aconteceu com os xikrin e parakanan em novembro do ano passado. Um grupo de guerreiros parakanan havia desistido de atacar seus inimigos araueté, porque entre eles havia um sertanista, e acabou encontrando-se com três xikrin que estavam caçando. Do atrito que se seguiu teriam resultado 16 parakanan mortos e a perspectiva de que um novo conflito virá a ocorrer para vingar a morte desses índios.

No ano passado, dois "capitães" kayapó do Posto Gorotire se desentenderam e, após uma briga corporal na qual se envolveram a maioria dos guerreiros, uma ala resolveu sair e fundar uma nova aldeia, sob a liderança do "capitão" Pombo.

De 1970 a 1976 esses índios ficaram praticamente abandonados à sua própria sorte, mas bastou que a presença deles interferisse na execução de um importante projeto de colonização particular, o da Cotrijui (que pretende ocupar 400 mil hectares, parcialmente em território dos arara), para que as frentes de penetração fossem aceleradas. Segundo alguns antropólogos, foi um erro mandar sertanistas em perseguição dos índios: "a frente deveria instalar-se num local, deixar brindes, 'namorar' os índios e permitir que eles decidissem se queriam mesmo fazer o contato".

Como não houve um trabalho de antecipação a abertura da estrada e, depois, um levantamento de todas as presenças indígenas a fim de delimitá-las e evitar um contato indiscriminado com as frentes pioneiras nacionais, será muito mais difícil corrigir os erros depois, diz um antigo técnico indigenista. "Para os índios, todos os civilizados são parentes. Se um deles lhes faz mal, acham que todos os demais são maus também. Por isso é muito importante o primeiro contato".

O indigenista lembra que os arara frequentavam vilas e povoados da região, indo até mesmo a Altamira, onde falavam e faziam trocas com os habitantes. Hoje eles não respondem aos intérpretes e sertanistas da Funai quando ocasionalmente cruzam com eles na floresta.